ATA DA REUNIÃO ORDINÁRIA N° 218, de 29 de janeiro de 2026 - COINV

Aos 29 (vinte e nove) do mês de janeiro de 2026 (dois mil e vinte e seis), às 09h45min (nove horas e quarenta e cinco minutos), reuniram-se através do aplicativo Meet, os membros do Comitê de Investimentos – IPMP/COINV e demais convidados abaixo relacionados: >>>>>>>>>>>>>>>>>

Membros presentes:

1. Fábio Paiva Martins (Coordenador)
2. Dênnia Karoline Magalhães Sousa (Secretária)

3. **Convidado(s): -**

Membro(s) ausente(s):

- Rosela Vasconcelos da Cunha (ausência justificada em decorrência de execução de suas atividades laborais);
- Kleber Neves Lima (ausência justificada em decorrência de execução de suas atividades laborais); e
- Weslley de Oliveira Silva (ausência justificada em decorrência de execução de suas atividades laborais)

- **Pautas**

1. Cenário Macroeconômico, Conjuntura e Perspectivas de Mercado.

- **Reunião**

A reunião foi aberta pelo Coordenador de Investimentos, Sr. Fábio Paiva Martins, que iniciou os trabalhos com a pauta referente ao Cenário Macroeconômico, a conjuntura atual e as perspectivas de mercado, conforme detalhado a seguir: Na semana de 19 a 23 de janeiro de 2026, o Brasil mostrou sinais de melhora gradual, com expectativas de inflação cedendo, juros ainda em nível alto, mas com o mercado avaliando cortes graduais ao longo de 2026, e um cenário de crescimento moderado considerado saudável para manter equilíbrio econômico. Nos mercados, o destaque foi a forte valorização da Bolsa na semana, enquanto o dólar recuou, indicando maior apetite ao risco e fortalecimento do real no curto prazo. No exterior, a China confirmou desaceleração do PIB, os Estados Unidos seguiram com economia resiliente e dados relevantes de atividade e emprego, e a Europa manteve expansão moderada, com inflação mais controlada na Zona do Euro, enquanto o Reino Unido ainda apresentou inflação elevada, mantendo os bancos centrais em postura cautelosa. Inflação no Brasil: O "tom" da inflação foi de alívio gradual nas expectativas. O cenário econômico no início de 2026 aponta para uma trajetória de alívio gradual na inflação, conforme indicam os dados recentes e as expectativas de mercado. O Boletim Focus de 19 de janeiro registrou uma queda na projeção do IPCA para o ano de 4,05% para 4,02%, movimento que é sustentado pela desaceleração real observada no fechamento de 2025, quando o índice acumulado em 12 meses recuou de 4,46% em novembro para 4,26% em dezembro. Embora os números ainda superem a meta central de 3%, essa tendência de sugere um ambiente de maior previsibilidade econômica, sinalizando que a pressão sobre os preços está

cedendo e consolidando um ritmo de queda que traz mais confiança para os o mercado. A economia brasileira está prestes a mudar de fase: o debate agora não é mais se os juros vão cair, mas sim quando o primeiro corte vai acontecer. Atualmente, a taxa Selic está em 15%, um nível considerado alto que serve para segurar a inflação. A expectativa é que essa taxa seja mantida agora em janeiro para garantir que os preços estejam sob controle, mas que comece a cair gradualmente a partir de março. De forma prática, o mercado projeta que os juros terminem o ano de 2026 em 12,25%. Para quem não acompanha o mercado financeiro, isso significa que o "alívio" no bolso virá aos poucos. O dinheiro continuará caro por um tempo, dificultando empréstimos e financiamentos, mas a tendência é de melhora ao longo dos meses. É como se o Banco Central estivesse tirando o pé do freio lentamente para a economia voltar a acelerar sem correr o risco de a inflação subir novamente. A previsão de que a economia brasileira crescerá 1,80% em 2026 funciona como um sinal de que não estamos parados, mas também não estamos acelerando de forma descontrolada. Mesmo com dados recentes mostrando que a economia começou o ano com um fôlego extra, os especialistas mantêm essa projeção estável há mais de um mês, o que revela uma postura cautelosa. Essa estabilidade acontece por dois motivos principais: os juros, que ainda estão altos e funcionam como um freio para grandes investimentos, e a percepção de que o Brasil está crescendo dentro do seu limite seguro. Esse ritmo moderado é, na verdade, uma boa notícia para o equilíbrio do país, pois permite que a economia avance sem gerar uma inflação excessiva, garantindo que a queda dos juros possa acontecer de forma segura e planejada ao longo do ano. A Bolsa teve uma semana bem positiva e chamativa: o Ibovespa fechou 23/01 em 178.858,54 pontos (alta de 1,86% no dia) e acumulou +8,53% na semana, um dos melhores desempenhos semanais em muitos anos. Um jeito simples de ler isso: quando a Bolsa sobe forte assim, normalmente há uma combinação de maior apetite a risco, entrada de fluxo (inclusive estrangeiro) e percepção de que o ciclo de juros pode ficar menos pressionado. O dólar apresentou uma trajetória de queda, encerrando o período cotado a R$ 5,2876, o que resultou em uma desvalorização acumulada de 1,59% na semana. Isso significa que, na prática, o real ficou mais forte frente à moeda americana. O principal motivo para essa queda foi a entrada de dinheiro estrangeiro no Brasil. Quando muitos investidores trazem dólares para o país, a oferta da moeda aumenta e, seguindo a lei da oferta e procura, o preço do dólar cai. Esse movimento foi muito claro na quarta-feira, dia 21 de janeiro, quando o dólar recuou 1,10% e fechou em R$ 5,3209. Além desse fluxo financeiro, o cenário internacional também ajudou, com notícias externas que trouxeram mais otimismo aos investidores globais, fazendo com que eles retirassem o pé de ativos mais seguros e apostassem em moedas de países como o Brasil. Cenário internacional: China – PIB abaixo do trimestre anterior; EUA – economia segue firme e Europa – sinais de estabilização e maior previsibilidade, China. A China trouxe o dado mais "pesado" da semana: o PIB do 4° trimestre de 2025 veio em 4,5% (ano contra ano), abaixo do trimestre anterior (4,8%), confirmando desaceleração na margem. No trimestre, o PIB da China cresceu 1,2% (trimestre contra trimestre), acima da expectativa (1,0%), mas

ainda dentro de um quadro de crescimento menos forte do que o mercado via no passado. Na política monetária, o banco central chinês manteve a taxa LPR em 3,0% (1 ano) e 3,50% (5 anos), sinal de estímulo contido: ajuda, mas não é uma guinada agressiva. Estados Unidos. a agenda trouxe dados que ajudaram a compor o cenário. O destaque veio na quinta-feira, com a divulgação do PIB do 3° trimestre (Q3), que cresceu 4,4%, indicando que a economia americana ainda apresentava força naquele período. Além disso, os pedidos iniciais de seguro-desemprego ficaram em 200 mil solicitações, reforçando a percepção de que o mercado de trabalho segue firme. No mesmo dia, o foco também esteve no PCE Núcleo, indicador de inflação mais acompanhado pelo Fed, pois ele ajuda a definir se a política de juros pode começar a ser flexibilizada: quando esse índice perde força, aumenta a chance de cortes; quando permanece pressionado, o banco central tende a manter uma postura mais conservadora. Já na sexta-feira, os PMIs (S&P Global) confirmaram que a economia continuou em expansão moderada, sem sinais de desaceleração brusca. Zona do Euro. O PMI composto em 51,5 pontos confirma que a atividade econômica na Zona do Euro continua em expansão, mas já em um ritmo mais moderado. A desaceleração dos novos pedidos e a persistência de custos mais altos ajudam a explicar por que o mercado passou a enxergar menos espaço para cortes rápidos de juros, reforçando uma postura mais cautelosa do Banco Central Europeu. Mesmo assim, o cenário inflacionário segue relativamente mais estável: a inflação de dezembro ficou em 1,9%, indicando um ambiente mais controlado e permitindo que o BCE mantenha sua política monetária com prudência, sem necessidade de mudanças imediatas. Já no Reino Unido, a inflação anual de 3,4% em dezembro mostrou que o processo de queda dos preços ainda encontra resistência. Na prática, isso significa que o custo de vida continua pressionado e o Banco Central britânico tende a manter uma postura mais firme por mais tempo, reduzindo a chance de cortes de juros no curto prazo. >>>>>>>>>>>>>>>>>>>>>>>>>>>>>>>>>>>>>

Relatório **FOCUS**

26.01.2026

	2025			2026		
IPCA (%)	4,02	4,00	▼	3,80	3,80	=
PIB (var. %)	1,80	1,80	=	1,80	1,80	=
CÂMBIO (R$/US$)	5,50	5,50	=	5,50	5,51	▲
SELIC (% a.a.)	12,25	12,25	=	10,50	10,50	=

Em seguida, os membros presentes passaram a analisar o relatório de investimentos, denominado Carteira de Investimentos do IPMP, observando o desempenho dos fundos, nos últimos 12, 24 e 36 meses, e, após este momento, os membros presentes decidiram por "manter posição" nos investimentos. Nada mais havendo a tratar, o Sr. Fábio Paiva Martins, Coordenador do COINV, declarou encerrada a reunião às 10h20min (dez horas e vinte minutos). Após lida e aprovada, a presente ata será assinada pelos membros do COINV presentes.>>>>

Fábio Paiva Martins
Coordenador do COINV
Diretor de Previdência Social

Dênnia Karoline Magalhães Sousa
Servidora do Quadro Técnico do IPMP
Secretária

Obs.: Membros e Coordenador do COINV nomeados através de Portaria Municipal n.° 75, de 03 de março de 2025, publicada no Diário Ofcial do Município de Parnaíba – DOM n.° 3860 de 13 de março de 2025. Secretária do COINV nomeada através de Portaria IPMP n.° 04/2025, de 28 de março de 2025, publicada no Diário Oficial do Município de Parnaíba – DOM n.° 3880, de 04 de abril de 2025. Portaria n.° 719/2025, de 23 de dezembro de 2025.